

## A repercussão internacional da campanha de "A Batalha" contra a alta finança

A campanha de A Batalha sobre o caso Angola e Metrópole-Banco de Portugal tem tido repercussão internacional. Além de algumas referências feitas pela imprensa estrangeira, principalmente a revolucionária, a Associação Internacional dos Trabalhadores, com sede em Berlim, à qual a C. G. T. portuguesa é aderente, inseriu no seu Boletim mensal, profusamente distribuído por todo o mundo, um extenso comentário que publicamos na íntegra.

Comentando a nossa campanha, diz a A. I. T. que o caso Angola e Metrópole-Banco de Portugal é um flagrante indicio da decomposição da sociedade burguesa. A Batalha sente-se satisfeita por aquela agremiação internacional, mesmo a longa distância, tão bem compreender os intuitos combativos da sua campanha. Realmente, poucas vezes surge na vida burguesa e capitalista um escândalo que tão claramente ponha a nu a engrenagem defeituosa da sociedade presente e os crimes de que lança mão para subsistir. Aproveitando os factos e comentando-os com energia não seguimos senão o caminho revolucionário que se nos abria como jornal de vanguarda mais importante neste país.

Eis a nota do Boletim da Associação Internacional dos Trabalhadores:

O escândalo do dia, no campo oposto ao do proletariado, no próprio campo da finança e do Estado, pontais mais altos do regime burguês, é a falsificação de muitos milhares de escudos em notas de 500 escudos. Os participantes são ministros de Estado, altos comissários ultramarinos, governadores de Bancos, diplomatas portugueses e estrangeiros, militares de alto posto, deputados e magistrados, o banqueiro holandês Marang, a casa inglesa Waterlow que fabrica notas elegantes—toda a fina-flor, enfim, que pontifica na administração económica e política de uma sociedade em decomposição.

O Banco Angola e Metrópole, de recente fundação, propôs-se financiar diversas empresas exploradoras de África e do continente. Em virtude de uma política financeira de valorização do escudo, estava determinada uma

redução de numerário em circulação, atenuando-se assim o desequilíbrio económico, mas os homens que dirigiam aquele Banco, não dispoem de ouro bastante para o financiamento planejado, usaram da sua privilegiada imaginação e decidiram-se a uma extraordinária emissão de escudos.

Outro Banco, o Ultramarino, também com vastos negócios em África, logo de começo sentiu a concorrência. O Século, jornal pertencente a um grupo financeiro que está ligado a este Banco, desconhecendo ainda a realidade, lançou a acusação de haver quem pretendesse negociar com as colónias africanas ao serviço da Alemanha, o que logo provocou manifestações de estudantes patrioteiros...

E quando menos se esperava, descobriu-se a repetição dos números da mesma série de notas de 500 escudos e o Angola e Metrópole ficou à vista. Vários dos seus directores estão presos e acusaram de cumplicidade várias personalidades políticas e financeiras, afirmando-se que os próprios directores do Banco de Portugal, emissor oficial para o continente, estavam comprometidos no escândalo, em tais proporções que mais de cem mil notas de mil escudos esperavam oportunidade da entrada em circulação, ficando retidas, por tudo se haver descoberto...

Segundo as informações da imprensa, o exame pericial concluiu que não se tratava de falsificação, mas de um aumento ilegal, mas autêntico, da circulação fiduciária que seria coberto com os lucros fabulosos que proviessem do desenvolvimento das empresas industriais de largo alcance.

A imprensa limita-se a noticiar, excepção daquela que serve os grupos financeiros, que, mesmo assim, faz apenas leves comentários, iludindo quanto podem o formidável escândalo, procurando impedir que assumam mais fantásticas proporções. Ao mesmo tempo, o governo confia a formação do processo a juizes doceis que obedecem às suas indicações para se circunscrever o escândalo de maneira a não comprometer os cúmplices de alta categoria social.

E dentro em pouco tudo ficará no esquecimento, apenas havendo assento para um sainete cómico-burlesco...

## Notas & Comentários

### "O Mundo"

As nossas informações confirmam o que dissemos há dias, acerca do encerramento das instalações do jornal O Mundo, e podemos agora acrescentar que o organismo da União Sul Africana que, por intermédio do grande patriota colonial, deu ao sr. Carlos Trilha os 2.000 acções da sociedade editora de O Mundo, é a Witwatersrand Native Labour Association Ltd.

O Mundo deve reaparecer na próxima semana.

Almôço, jantar e ceta

Entre os anúncios das burlas da "Série Recuperáveis" publicados nos órgãos de grande informação, vimos um que excede todos os outros na mirabolância das promessas. Tratava-se duma casa ali para a rua da Era que dava a quem lá aparecesse duzias de meias de fio de Escócia e de seda e ainda por cima dinheiro.

Houve quem acreditasse nessa fantástica história. Temos aqui, diante dos olhos, o prospecto que lá distribuem aos incautos. E nele se diz que lá for compra as meias, paga-se e recomenda "aos amigos das suas relações"—haverá amigos que não sejam relacionados?—esta forma de vender única e verdadeiramente admirável.

Trata-se, como se vê, duma autêntica pechincha! A onda de parvoíces que acometeu tanta gente é tão avassaladora que não nos admiramos nada que amanhã surja um novo intruído anunciando:

"Dê-se almôço, jantar e ceta e ainda por cima 10 escudos a quem passar pelo nosso 'restaurant'". Não há passagem de senhas, nem sorteio.

Divulgação do "Esperanto"

No seu último número, o nosso presado colega, semanário anarquista "A Comunidade", inicia uma secção de divulgação do idioma "Esperanto". A necessidade de intensificação das relações internacionais do proletariado, levam-nos a augurar que a nova secção da "Comunidade" não faltem bons colaboradores e que a dedicação destes corresponda o interesse do operariado pelo conhecimento da língua de Zamenhoff.

Das trevas da "Noite"...

Há dias, surgiu-nos das trevas da Noite um artigo de alguém que, sob as iniciais de A. A., manifesta interesse pelas questões operárias, emitindo opiniões pretensamente judiciosas acerca da estrutura do nosso sindicalismo, apóda de errada a delimitação das Unidades Sindicais. Discretiando sobre o movimento operário internacional, depois de afirmar a falência

## O império britânico quer garantir a sua influência, provocando formidáveis guerras no Oriente

A situação do império britânico, sob os pontos de vista social, económico e político, oferece um considerável interesse, dado que este império é o eixo de todo o sistema capitalista edificado no mundo inteiro. O capitalismo industrial e comercial nasceu da Grã-Bretanha. Ao desenvolver-se, durante o século XIX, desenvolveu a potência económica da Grã-Bretanha e fundou esse império formidável onde o sol nunca se põe. A força política deste império, antes da grande guerra, não tinha outra equivalente. Perdeu muito da sua força, na actualidade, sem deixar, porém, de ser a primeira potência europeia.

Os Estados Unidos tomaram já o seu lugar, política e financeiramente. A indústria e o comércio do mundo, fora da Europa, tem uma proporção de 60 por cento, por efeito da grande guerra e sua longa duração. Como é natural, os países mais industriais da Europa são mais gravemente atingidos. Isto explica a crise intensa, geral, que se debate além Manha, nas Ilhas Britânicas, que incubiu em 1919 e tem vindo sempre a acentuar-se.

Os homens não discerniram as causas reais da crise e apenas recorreram à mudança de personalidades políticas. Dirigiram-se aos liberais, depois aos trabalhistas, depois aos conservadores, estes últimos detendo ainda hoje o poder político, e todos foram impotentes em melhorar a situação. Nada puderam modificar, porque não sabem empregar o remédio necessário. Seus mestres foram os capitalistas financeiros e industriais, do país e do estrangeiro, e estes não quiseram aceitar aquelas medidas que restabeleceriam a ordem em todo o mundo, por saberem que tais medidas diminuiriam a sua força, que os empobreceriam.

### O império britânico é terreno propício à semente revolucionária

Houve um momento propício para a aplicação do remédio: foi em 1918-19, quando a Conferência da Paz estava reunida. Mas os capitalistas estavam atentos e, por intermédio dos seus empregados Lloyd George e Clémenceau, aniquilaram Lloyd George e Clémenceau, e substituíram-nos por dois homens excepcionais: Lénine e Trotsky. Esta segunda tentativa naturalmente fracassou, porque se encontraram em frente de audaciosos que sabiam empregar os meios necessários para conseguirem os seus fins, e que haviam notado que Wilson não era audacioso, pois recuava diante dos meios necessários a empregar.

O capitalismo britânico, bem que atingido pela deslocação do eixo da produção industrial e do comércio mundial, é ainda bastante poderoso devido às suas consideráveis reservas de capital. Os capitalistas exportam capitais, tornando-os assim benéficos nas produções extra-europeias. Mas se os capitalistas britânicos se escapam, em parte, à grande crise actual, as classes média e operária são profundamente atingidas; havendo mais de um milhão de desempregados.

Em todos os distritos industriais, o terreno está admiravelmente preparado a receber e fazer frutificar a semente socialista e, mesmo, comunista. E se o fruto não é melhor, a culpa nasce da fraqueza e dos erros dos chefes socialistas e comunistas. Moscovo, a vermelha, não tem piores inimigos que os dirigentes da Internacional moscovita, e não há melhor amigo da Internacional moscovita que o capitalismo mundial, porque os seus actos propagam incessantemente o socialismo e o comunismo, que temem e odeiam, que preparam e desenvolvem.

Com efeito, em vez de pensar nos remédios eficazes, supõem os dirigentes britânicos impedir o inevitável, deter a evolução humana, desde que abatem Moscovo. Toda a política exterior da Grã-Bretanha desde 1918 é feita neste sentido. Abater Moscovo seria abater a revolução, seria também abater o inimigo que ameaça a Índia, que lhe faz complicita na influência sobre o Extremo-Oriente.

Se o sr. Chamberlain e o Foreign Office fizerem Locarno, se procuram organizar os Estados Unidos da Europa sob a égide da Sociedade das Nações, não é mais que para formar um bloco de estados contra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Este bloco já está parcialmente organizado e não é um penhor de paz, como o proclamam os que se deixam iludir pelas declarações oficiais, mas uma ameaça bélica que se diluirá num nova guerra, se os povos não ousarem revoltar-se contra os seus dominadores.

### A política secular da Grã-Bretanha

Não revelamos a visão dum espírito imaginativo, mas deduzimos logicamente os acontecimentos. Consideramos assim a política em face da Alemanha, meditemos nos efeitos da Dawidson da Alemanha, encaremos a atitude da Sociedade das Nações na questão de Mossul, obedecendo servilmente às indicações de uma comissão de inquérito composta de servos da Inglaterra, e, principalmente, a Letónia e a Hungria.

E a atitude do império britânico no caso das notas falsas da Hungria: silêncio imposto à Tchecoslováquia em volta da falsificação de coras pelos fascistas húngaros. Há também a ditadura na Grécia, ligando este país de pés e mãos à Inglaterra, a vassalagem dos estados bálticos, nomeadamente, a Estónia e a Letónia ao Império Britânico, que visa à posse dos portos para ganhar a influência no Mar Báltico.

Recordemos as palavras de Mussolini, esse mata-mouros contemporâneo, que a Inglaterra subornou com uma liberdade de acção, na Ásia Menor e que a Itália é uma potência que garante o pacto de Locarno, ao passo que a França é apenas uma nação garantida. No concerto inarmónico das potências europeias, a Itália tem actualmente um papel mais importante que a França,

por ser um instrumento mais dócil do capitalismo britânico.

A política britânica procura assim um equilíbrio das potências, esquecendo-se de que o equilíbrio tem sido condenado pela experiência dos anos de antes da guerra, o manto político que cobre o fim verdadeiro do capitalismo britânico: a hegemonia política do mundo para possuir logo a hegemonia económica que lhe permita a exploração de todo o mundo.

Esta política, seguida com admirável tenacidade, desde há séculos, pela Grã-Bretanha, é, nas actuais circunstâncias do século XX, de uma rara subtilidade. Formou, por uma consequência lógica e fatal, um bloco oposto e inimigo: União das Repúblicas Soviéticas e República Turca, que coloca em frente à Europa a hostilidade da Ásia, o capitalismo contra o socialismo, a reacção contra a revolução. Aparentemente se encontra alheia à América do Norte, simulando não ser mais que espectadora, porque a sua ignorância é tão profunda e tão grande a sua soberba que não nota a sua íntima solidariedade com a Europa e com a Ásia, mas os acontecimentos próximos o esclarecerão.

A política britânica procura por toda a parte enganar a política soviética. Na China, ela subleva o exército e alimenta a desordem com receio de uma república federal, unida e bem nacional, aliada dos Soviéticos. Aproxima-se do Japão, que antes havia abandonado para adoçar a boca aos Estados Unidos, mas a política do Japão está cheia de contradições, consoante o predomínio das influências capitalistas ou democráticas, e, nesta indecisão, tanto caminha para a direita com a Grã-Bretanha, como para a esquerda com a Rússia.

O tempo passa, entretanto, e as condições políticas, económicas e financeiras agravam-se por toda a parte até ao espartilho, conduzindo-se a uma situação que torna inevitável a guerra entre o bloco europeu e o bloco asiático, uma guerra que se desenrolará no Extremo Oriente, sobre os territórios chins, mandchú e siberiano e, na frente ocidental da Ásia, do Báltico ao Mar Negro! Esta guerra afugura-se mais próxima quanto os dirigentes vejam nas guerras exteriores a sacudida de situações internas muito graves. E a situação interna da Grã-Bretanha é extremamente grave!

Augustin HAMON

## Como foi comemorado o 9 de Abril

A comemoração do 9 de Abril foi a farça do costume. Solenidades oficiais, missas e exposição de vaidades que até ofendem a memória daqueles que na França e em África perderam a vida por interesses absolutamente contrários à causa da Liberdade e do povo.

Indúmeras pessoas desrespeitaram os dois minutos de silêncio e em alguns sítios esboçaram-se protestos contra a guerra. Em referência aos dois minutos de silêncio exprimi-se assim o *Diário de Lisboa* de ontem:

"Foram poucos os que souberam sobrepor à curiosidade o sentimento verdadeiro da mágoa, do orgulho rancido, e da emoção grande, a curiosidade dos que vão a estas coisas para aproveitar nelas o que elas têm de distrativo.

O chão em que se lançou há anos a primeira pedra para o monumento aos mortos da guerra foi muito visitado e teve flores em abundância; mas a maior parte dos que lá foram em romagem deixaram-se guiar, principalmente—não se ofendem—pelo desejo de ver como aquilo era.

Supôs-se que se guardavam os dois minutos de silêncio. Se um dia se fizesse em Portugal um concurso de pessoas capazes de estarem caladas dois minutos, ninguém ganharia o prémio...

Nas oficinas da Imprensa Nacional durante os dois minutos de silêncio produziu-se um ruído ensurdecedor de protestos, sendo cantada uma estrofe da "Internacional", que devidamente impressa alguém distribuiu pelo pessoal com o seguinte e curioso título: *Cantar-se há esta estrofe nos dois minutos de silêncio, voltado, não para a Batalha, mosteiro, mas sim para a "A Batalha", Calçada do Combro, 38-A, 2.º*.

Na Avenida da Liberdade, na ocasião em que os patriotas se manifestavam silenciosos, passava um indivíduo que provavelmente se julgava no direito de pensar de maneira diferente, razão por que não se descobriu nem parou.

A multidão sectária e intolerante souvou-o, valendo-lhe, por felicidade, um grupo de marinhoeiros mais tolerantes que o protegeu das estúpidas iras.

### Após o fracasso...

LONDRES, 9.—Segundo o *Daily News*, a participação da Alemanha nos trabalhos da comissão encarregada de estudar a constituição do conselho da Sociedade das Nações é essencial para aquele governo, a fim de que próximos acontecimentos não tornem impossível a admissão na Sociedade. O mesmo jornal confessa que, neste momento, nada permite interpretar a atitude do Reich nos seus pedidos de informação, a fim de obter garantias cabais, pelo que a Alemanha pode desistir da sua admissão.

(—I.)

### Malvy pediu a demissão

PARIS, 9.—O sr. Malvy pediu a demissão para poder defender-se livremente de todos os ataques que lhe dirigiram na Câmara. O sr. Durant aceitou a pasta do Interior.—L

## OS LADRÕES DAS "SÉRIES"

## Impressões colhidas por um redactor de "A Batalha" numa dessas cavernas de vigaristas

Vimos que a burla das séries, e sob qualquer forma com que se apresente, tem a sua sorte ligada à ignorância, visto que a sua vida assenta essencialmente na ignorância da multidão. Vejamos pois a limpeza com que se ludibria a multidão e o cuidado com que se procura manter essa ignorância.

Para isso nada melhor que uma visita, rápida que seja, a um dos muitos escritórios onde se exerce essa tão útil função social como é o novo comércio das séries. Tal sistema de ludíbrio está tão desacreditado que até pela convenção postal de todos os países se legisla contra esta correspondência e se lhe chama "chain-letters", isto é bolas de neve, por se derreterem por si próprias.

\*\*\*

Os escritórios desta especialidade são instalados *ad hoc* em qualquer compartimento, andar e local.

Não é preciso atender-se ao factor comodidade e luxo para atrair a clientela, porque esta não é de exigências. Contenta-se com os prémios, o luxo virá depois.

Visitámos um desses muitos *bureaux d'affaires* instalados na Baixa. Entre o seu pessoal destaca-se uma espanhola regularmente formosa. E' que os organizadores não esqueceram nenhum pormenor que lhes podesse ser útil.

Dedicando-se a informações do registo civil o seu mobiliário modesto e os seus compartimentos acanhados estão atestado cabalmente a sua anterior vida de pouco desago.

Mas a fortuna, a Deusa Milionária do poeta, um dia bateu-lhe à porta.

Como que por magia, o dinheiro começou a entrar em corrente caudalosa, sem mais trabalho do que o de o receber, sem ter que prestar sequer um simulacro de garantias.

Sem qualquer garantia, não é bem assim. Dá a garantia de mágicos títulos que têm o condão de multiplicar o dinheiro como Cristo multiplicou o pão.

—Todos podem ter uma fortuna, é apenas questão de esperar alguns dias—anuncia-se.

E o dinheiro continua a chover para a aquisição dos mirabolantes títulos.

Há títulos de vários preços e para os mais variados prémios. Há o preço mínimo de 5000 e há preços de dezenas de escudos. Há pessoas que se contentam com um modesto título de 5000, mas muitas e muitas compram títulos para os vários prémios e mesmo vários títulos para cada prémio. São os mais impacientes.

Não é raro verem-se criaturas de aparência nada abastada, deixarem ali ficar escudos às centenas.

Mas que importância tem isso se eles ficam a multiplicar-se?

—E' apenas uma questão de dias.

Nas paredes deste laboratório de magia, não se encontra qualquer explicação ou esclarecimento ao mecanismo das suas famosas operações.

Apenas uma ou outra referência aos prémios, como esta: "Estão a pagamento os números tal e tal... Como se vê todos podem receber. Saibam pois esperar."

E' pouco isto? Não.

A freguesia não precisa saber mais. Basta-lhe saber que, às vezes, há prémios.

Por esta razão e ainda porque uma explicação escrita, não raras vezes, é um compromisso e o diabo às vezes não se ensaia para as tecer, todos os esclarecimentos são verbais e sempre por conta e medida.

—"A quem não convier vai-se embora. Eu não tenho que lhe dar explicações nem estou aqui para ser professor"—dizia um dos do escritório, em tom de peixeira com as mãos na cintura, a um pobre diabo que queria presumir de esperto ou que pelo menos não queria deixar a sua massinha tanto às cegas como os outros.

O homenzinho recalculou mas dispoz-se a sair com ares de abespinhado.

Este homenzinho tinha a pretensão de saber quantas séries tinha cada letra e quantos números constava em parte alguma.

Querendo comprar um título e estando-se a vender a sétima série al pelo número três mil e tal, explicou que queria saber quantos números anteriores ao seu já haviam sido vendidos, visto que o seu número só seria premiado depois de o terem sido os anteriores.

Manda a verdade dizer que a atitude assumida pelo 1.º informador não foi comparatilhada por um outro cavalheiro que apareceu em seguida.

Este, vendo o mau efeito que tal scena produziu, veio, com ares não acolhedores em demasia:

—O que é que o senhor deseja?

—Eu desejava saber quantas séries tem cada letra.

—Tem 7, informa o cavalheiro.

—E também desejava saber quantas letras tem cada série.

Aqui o informador titubeou um pouco mas respondeu:

—Nós pagamos, para os 225, por cada 64 números, um prémio.

E o nosso bom homem, que também queria a fortuna, ficou sem saber cousa alguma, mas vendo a atitude nada acolhedora deste novo informador, julgou mais prudente não insistir e retirar-se sem comprar.

Teria talvez concluído que, se obtivesse a informação que queria o seu título quando muito poderia vir a ser premiado na vida dos seus bisnetos, se até essa data os homens continuassem a ser tão parvos como os actuais.

Ninguém mais quis informações desta natureza, porque a ninguém mais restava dúvida de que os seus títulos haviam de ser premiados.

Era uma questão de saber esperar.

Entre a multidão que se acotovelava ouve-se às vezes dizer:

—Eu sei de uma pessoa que levou tantos dias a receber. Eu então também não devo estar longe porque já comprei há quasi o mesmo número de dias.

E a multidão que ouve, ou se cala ou dá o seu assentimento.

Faz ela, por ventura, alguma ideia de tudo isto?

Para a maior parte tantos dias deve levar a receber quem compra o n.º 2 como quem compra o n.º 2.000.

\*\*\*

Agora é o portador de um título com o número 300 e tal da 4.ª série da letra B que vem informar-se quando estará a pagamento o respectivo prémio.

—Está quasi, respondem-lhe no escritório.

—Está quasi? Mas isso é o que me dizem não sei já há quanto tempo.

—Ora essa! Olhe se queria receber logo que comprou o título. E' claro que algum tempo há de levar. Mas nós quando chegar a vez avisaremos.

Estava indicado na parede que estavam a pagamento os números 1 a 20 da primeira série da letra B.

Para chegar a vez a este impaciente portador faltavam só estar a pagamento os restantes números da 1.ª série, todos os da 2.ª e 3.ª, que não se sabiam quantos eram, e o trezentos e tal da 4.ª série.

Diz-se que quando se é feliz o tempo foge.

Não deverá ser um homem felicíssimo o informador?

Cabe em seguida a vez a uma velhinha, com a aparência, a custo, de pessoa remediada, portadora de um título para o prémio de 10.000\$00.

—Este está ainda atrasado. Estes títulos demoram um pouco mais. Nós a avisaremos quando chegar à sua altura.

A velhinha safu resignada a esperar que lhe chegasse a altura.

E' uma grande coisa saber esperar!

Alguém do lado do público informa que o número do título desta cliente, apesar da sua numeração emaranhada, não deve ser inferior a 3.000. Sendo assim como a cada prémio de 10.000\$00 correspondem pelo menos 2.000 bilhetes vendidos, o título a que se alude não será premiado senão quando forem vendidos mais de 6 milhões de novos títulos.

Em todo caso, poderá alguém afirmar que tal se não possa vir a dar?

E' apenas uma questão de dias.

E a infinidade de papeis impressos, os preciosos títulos mágicos, continuavam a passar avidamente, em tróca de autênticas notas de banco, para as mãos dos tomadores que as recebiam com a sofreguidão de quem recia que se acabem.

Esse caudal de notas continuava a afluir sem cessar a esse escritório feliz tocado, há algumas semanas, pela varinha de condão de uma boa fada amiga.

Este delírio contagiado não é, como à primeira vista poderia parecer, uma manifestação de grandeza, uma manifestação de bem estar da população. E' bem ao contrário, uma exteriorização inequivocal da pobreza e da miséria com que essa população se debate.

Entrega rios de dinheiro, sem garantias e cegamente, emblada apenas pelo canto de sereia dos incógnitos varões e damas, que vão prometendo o "El Dorado" ao pobre ingénuo e incauto, e uma fortuna segura a todo o ambicioso que a deseje.

E' a fortuna para todos dentro de alguns dias, apregoa-se.

E o ingenuo, o ingénuo e o incauto únicos quem merece a nossa atenção, su-

gestionados pelo que ouvem, não podem averiguar a sua viabilidade porque não compreendem o que lhe dizem.

E' que o que tão ilustres beneméritos lhe dizem também não é para que se entenda. Pelo contrário, convém que se não entenda. Coisas vagas, sofisticadas, explicações capciosas ou insuficientes... por muito favor. Como bons psicólogos, não ignoram de quanta sedução é revestido tudo o que é misterioso!

Parece inacreditável tudo isto?

Parece, mas não é. E' fácil verificar.

O que é, porém, inacreditável, é o que atinge as raízes do inconcebível e que tão descarado vigiário se efective não só sob os olhares indiferentes da polícia mas ainda sob o seu patrocínio, visto que não tem peço em lhes guardar as cavernas, contribuindo assim com a sua presença para que o vigiário se consuma com mais brilho e rrisão.

Como se vê a vergonha não é deste mundo.

N. B. — O escritório de burlões visitado por nós é o da Rua da Madalena, 119-1.

#### Uma carta

Do sr. Manuel José do Livramento Viegas, mais conhecido por Viegas Lata, recebemos ontem uma extensa carta, a propósito de umas referências que lhe foram feitas pela Batalha, que por absoluta falta de espaço não podemos publicar na íntegra como desejariamos, mas da qual vamos extrair os seguintes períodos essenciais:

«Avançou o articulista até aos graves acontecimentos que comigo se produziram em 1921, por circunstâncias independentes da minha vontade, e, apenas, porque soube, sem o menor rastro de receio, fazer cumprir a lei autorizando que a procissão de São Pedro, no Seixal, saísse em cortejo pelas ruas da vila, depois de observado o plebiscito que impôs a sua realização por uma considerável maioria.

De tudo isto resultou às 13,45 horas do dia 21 de Agosto eu ter ferido, com um tiro de pistola «Savage», o sr. Fernando de Sousa, então presidente da Câmara, quando este senhor e mais três indivíduos, todos da classe civil, me agrediram a cavalo maninho, do que se constatou em dois julgamentos a que fui submetido e absolvido por unanimidade pelos dois jurís, por ambos terem dado como provada a circunstância prevista no n.º 3.º do artigo 44.º do C. P. que diz: «justificam o facto o que o praticam em legítima defesa própria ou alheia».

Aqui tem v. porque o articulista de hoje me classificou de assassino, por má vontade ou má informação; ou então irreflexivamente, talvez.

Quando à ocupação de uma sala na mesma casa onde funciona o «capital instantâneo», asseguro, a v., sob a minha honra, que apenas ali se aceitam assuntos de advocacia e procuradoria, à testa da qual estão os advogados srs. drs. Fernandes Pego e Santos Vila, pessoas da mais completa honrabilidade, sendo todos nós absolutamente estranhos às transacções do «capital instantâneo».

Aqui fica, pois, feita a rectificação, lamentando nós que a proximidade dos burlões teve sse dado lugar a esta lamentável confusão.

### Universidade Livre de Coimbra

#### Curso de História da Arte

Amanhã pelas 10.30 os alunos deste curso visitam a igreja de São Tiago, onde será dada uma lição sobre arquitectura românica pelo professor dr. sr. Raúl de Miranda.

Todas as pessoas que se interessarem por assuntos de arte podem assistir à lição.

### CRISE DE TRABALHO

#### Obras das casas económicas da Ajuda

Os delegados do S. U. da Construção Civil e Bolsa de Trabalho procuraram ontem o ministro do Comércio para saberem quais as resoluções por ele tomadas sobre a paralisação dos trabalhos das casas económicas da Ajuda. Um dos secretários informou que nada sabia ainda sobre o assunto e que naquela ocasião também nada podia saber pelo motivo do respectivo ministro estar em conselho, pedindo este senhor aos delegados para comparecerem hoje a fim de saberem o que há a tal respeito.

#### Uma nota do Sindicato dos Manufactores de Calçado

Tendo chegado ao conhecimento deste sindicato que alguns industriais pretendem pagar os salários aos seus operários por preços inferiores ao da tabela deste sindicato, convoca a classe a reunir hoje pelas 21 horas, para tratar deste tão melindroso assunto.

#### HOJE

Telef. T. 976

### Teatro da Trindade

A sensibilizadora peça de KISTEMAEKERS

### A EXILADA

Protagonista: LUCILIA SIMÕES  
Ruidoso êxito  
Artístico conjunto  
Brilhante encenação

### TEATRO ALENOR

HOJE HOJE

### O APETITOSO

### Pão de Ló

Em ensaios o vaudeville  
O DR. DA MULA RUÇA

### O conflito marítimo

#### Algumas declarações razoáveis e elucidativas de um membro da comissão de «démarches»

Um redactor da Batalha avistou-se ontem com um membro da comissão de «démarches» dos marítimos em conflito com os oficiais da marinha mercante e pediu-lhe que explicasse com a máxima clareza aos nossos leitores em que consiste o referido conflito.

Esse camarada acedeu imediatamente ao pedido da Batalha iniciando desta forma as suas considerações:

«Os sindicatos marítimos possuem umas listas onde vão inscrevendo por ordem de antiguidade todas as criaturas que vão deixando de ter trabalho. A medida que as vagas surgem, vão sendo chamados pela ordem da antiguidade a ocupar as respectivas vagas. E' com esta organização racional e humana que os oficiais querem acabar.

—Mas—dissemos—os oficiais alegam que são as outras classes que lhes querem impor o pessoal.

—Nada queremos impor—respondeu-nos o nosso interlocutor.—Os oficiais podem por qualquer motivo razoável recusar os marítimos que nós lhes propuzermos. Têm essa liberdade e nós respeitamos-lha. Simplesmente, reivindicamos o direito de substituir o recusado pelo indivíduo que imediatamente a seguir ao recusado seja o mais antigo na inscrição.

—Dessa maneira—comentámos—parece que não existe razão lógica para os oficiais assumirem a atitude hostil em que se mantêm.

—De facto—corroborou o nosso entrevistado—tal hostilidade sem motivo faz-nos pensar que os oficiais estão procedendo de má fé. Encontram-se perfeitamente unidos aos armadores que só querem, como sabem, a desmunição de todos os trabalhadores marítimos, desde os oficiais aos moços de bordo, para mais facilmente os dominarem.

—Se subsistisse o critério dos oficiais... —...dar-se-ia uma série interminável de injustiças. Os embarques, a aceitação de pessoal não seria como nós pretendemos, segundo a antiguidade no desemprego. E enquanto uns embarcariam muitas vezes, outros levariam a vida inteira à espera de uma viagem.

E, num gesto de desgosto, o nosso camarada acrescentou:

—Os oficiais estão procedendo com muita deslealdade. Prometeram só embarcar pessoal associado e foram convidados para bordo do Moçambique um cozinheiro do Café Suíço que se recusou a aceitar. E para nos prejudicarem mais até se sujeitaram a fazer serviços que pertencem às classes inferiores.

—Esperam solucionar em breve o conflito?

—Esperamos que os senhores oficiais acabem por ver de que lado está a razão. E assim terminou a rápida, mas elucidativa palestra.

#### Nota oficiosa da comissão de «démarches»

Pedem-nos a publicação da seguinte nota oficiosa:

«Em virtude de ter sido feriado não se efectuaram «démarches», esperando-se fazer-las hoje para a solução do conflito.

Todos os camaradas devem estar vigilantes nos cais de embarque para evitar o engajamento que alguns oficiais andam fazendo de tripulantes não sindicados para bordo de alguns navios. Espera esta comissão que os componentes das classes menores de longo curso saibam corresponder a este apelo.—A comissão de «démarches».

#### O que diz a Liga dos Oficiais

No dia 7 do corrente, pelas 18 horas, foi o Conselho Administrativo da Liga dos Oficiais da Marinha Mercante, procurada por uma comissão enviada pelos sindicatos dos marinheiros, fogueiros e câmaras, que pretendiam saber quais os intuídos da Liga dos Oficiais para com o pessoal menor.

Respondendo ao Conselho Administrativo, declarou que somente os animava a intenção de terminar de vez com o sistema de escalas, pelo qual se impõem para bordo os tripulantes à vontade dos sindicatos, sem que a vontade do armador ou do capitão seja respeitada, conforme o artigo 498 do Código Comercial Português.

A comissão em resposta disse, não poder de forma alguma terminar com as escalas de embarque, porque, acabando com estas, terminava com a autoridade do sindicato sobre os tripulantes, o que concorreria para que as determinações das associações não fossem acatadas a bordo, pelos seus sócios, contribuindo assim para os associados terem menos interesse pelo sindicato.

O Conselho Administrativo, fez ponderar à comissão, que por aquelas mesmas razões é que não podia continuar as escalas, que tanto prejudicam a disciplina e a execução dos trabalhos a bordo, colocando mal os capitães e oficiais perante os srs. armadores e provocando a estes prejuízos graves.

Também os oficiais mostraram quanto o sistema da imposição do pessoal pelos sindicatos é absurdo e ilegal.

Terminou a reunião sem qualquer resultado positivo.

O Conselho Administrativo da Liga dos Oficiais, apreciando a transcrição da moção, aprovada ontem em Assembleia Geral, publicada na imprensa, constatou que a supressão do número 1.º do dito documento alterou profundamente o carácter da pretensão que a mesma continha, por lhe transformar o aspecto de solicitação no de determinação.

Para fugir às especulações malevolas, declara a Liga dos Oficiais da Marinha Mercante que não é, nem nunca foi intenção sua, hostilizar qualquer associação do pessoal menor, como se pretende demonstrar numa nota oficiosa do sindicato do Pessoal de Câmaras, publicada num diário matutino, porquanto a atitude desta Liga é tão somente de defensiva, pretendendo apenas o cumprimento da Lei, para cabal desempenho das suas funções a bordo.

Pelas onze horas do dia oito do corrente, avistaram-se com o C. A. desta Liga dois maquinistas da Marinha Mercante, que procuraram trocar impressões acerca do conflito latente. Depois de uma troca de explicações terminou a reunião sem qualquer alteração na atitude mantida pela Liga.

#### Um atentado contra o comissário do interior soviético

MOSCÓVIA, 9. — Deu-se um atentado contra a vida do comissário do interior, Boborolofe, que desempenhou um papel importante em 1918 quando do massacre da família imperial.

### Teatro Nacional HOJE

A linda peça de CHARLES MERÉ

Tradução de JOSÉ SARMENTO

PROTAGONISTA:

Ester Leão

Encenação do professor António Pinheiro

### A DANÇA DA MEIA NOITE

### Instituto Policlínico da Estefânia

Largo de D. Estefânia, 6, 1.º — Telef. N. 3435

CONSULTAS PARA AS CLASSES POBRES

Corpo clínico — Doentes: A. de Almeida Rocha — Clínica geral — às 14 horas. António de Carvalho — Sifilis — às 11 h. Berta de Morais — Doenças das mulheres — às 13 h. Carlos Guerra — Clínica médica, doenças de coração e pulmões — às 18 h. Domingos Dias — Doenças da boca e dentes. Proteses — às 10 h. Fernando Washington — Raio X.

Heitor da Fonseca — Clínica médica, doenças do estômago, intestinos e fígado — às 12 h. J. Pais Laranjeira — Doenças dos rins e vias urinárias — às 11 h. José Salazar Correia — Doenças das crianças, ortopedia, ginecologia e massagem médica — às 10 h. Pedro Roberto Soares — Análises clínicas. Teodomiro Almeida de Carvalho — Cirurgia, operações — às 10 h.

### EM COIMBRA

## O IV Congresso dos Professores das Escolas Móveis encerrou os seus trabalhos

COIMBRA, 8. — Abre às 10 horas. Presidência da sessão o sr. Nascimento Gomes, secretário pelos srs. Santos Marcelo e António Galhardo, D. Conceição Felisberto e D. Maria Augusta Florêncio.

E' lida a acta, que foi aprovada. Lê-se o expediente.

O sr. Santos Marcelo apresenta uma proposta para que se nomeie uma comissão que se avistará com o ministro da Instrução para dele reclamar a completa revisão dos trabalhos do falecido sr. José Nunes da Graça, que muito prejudicaram e estão prejudicando ainda a classe.

O sr. Duarte Mantas, Valério Boto e Alvaro dos Santos Marcelo, discorrem sobre vários assuntos de interesse, tendo todos proferido palavras elogiosas para a Comissão de Melhoramentos.

Santos Marcelo propõe a criação dum jornal que defenda exclusivamente os interesses da classe.

D. Maria de Araújo e Silva propõe que se saude o sr. Armando Alves da Silva, por telegrama.

E' aprovado.

Entra-se na ordem do dia, com a «Apreciação do decreto 5.336».

O sr. Luís da Costa Naves afirma que o decreto 5.336 está cheio de anomalias e arestas que é preciso limar, (sic). Os professores móveis, afirma o orador, têm direito a usufruir as mesmas regalias do professorado fixo, visto que estão sujeitos às mesmas inspecções, sendo a sua missão ainda mais espinhosa que a do professorado fixo.

Emite a seguinte moção:

a) Que os alunos que frequentam as 1.ª e 2.ª classes das escolas móveis passem de classe, à responsabilidade dos respectivos professores, sem necessidade de prestarem provas, como exige o decreto 5.336.

b) Que sejam restabelecidas nas escolas móveis as 3.ª, 4.ª e 5.ª classes, sendo obrigados a fazer exame os alunos das duas últimas classes.

c) Que as escolas móveis funcionem em qualquer local, pelo menos durante 5 anos, se não houver frequência que justifique a manutenção da escola.

d) Que aos professores das escolas móveis sejam concedidos os mesmos direitos e regalias que os professores fixos usufruem, tais como: pagamento da regência de cursos nocturnos; ingresso no quadro efectivo de todos os professores provisórios com mais de 4 anos de bom serviço e concessão de diuturnidade.

e) Que o sr. Almeida Pereira, pede a palavra para falar sobre a proposta do sr. Naves, afirmando a sua concordância com toda ela, à excepção da alínea b, cuja exclusão pede.

E' aprovada a moção com a emenda de D. Ermelinda Pereira.

O sr. Armando de Andrade lê uma proposta, cuja síntese é a seguinte: «Pugnarmos há para que as escolas móveis se transformem em fixas de ensino primário geral, nas localidades em que se encontram, ficando nocturnas aquelas onde as conveniências locais o determinarem».

Aos seus professores aplicar-se-há, quando for caso disso, a parte final da lei 24.ª de 12 de Setembro de 1915, e terão ordenados, gratificações e demais regalias e deveres iguais aos dos professores das escolas fixas. As diferenças de vencimento para diuturnidade só serão devidas a contar da data da promulgação da lei.

Falam para aclarar esta proposta os srs. Marcelo, Mantas e Boto. E' por fim aprovada.

Alvitada pelo congressista sr. Machado é aprovada por aclamação uma saudação telegráfica ao professorado primário fixo, reunido hoje em congresso em Trancoso.

Entra em discussão o assunto «Lutuosas». Sobre este assunto falam os srs. Santos Marcelo, João Mantas e Armando de Andrade.

O sr. Alvaro dos Santos Marcelo lê uma moção que, após várias considerações, termina por propor ao Congresso que delegue no sr. Gelásio Rocha, relator geral, a missão de estudar o assunto da «Lutuosas» e enviar todos os esforços para que os professores móveis ingressem nesta instituição.

E' aprovada, com uma nova redacção proposta pelo sr. Andrade.

Em seguida, e não havendo mais oradores inscritos, é, por volta das 12 horas, encerrada a sessão, marcando-se a seguinte para as 14 horas.—C.

#### A terceira e última sessão

COIMBRA, 8. — E' aberta às 15 horas, a 3.ª e última sessão deste Congresso. O sr. Alvaro dos Santos Marcelo, que preside, convida a secretariar os srs. Delim Coelho e Mário da Fonseca do Vale e as srs. D. Alzira Alves e D. Luísa Braz.

O sr. Nascimento Gomes lê uma moção, que é aprovada. Diz ela: Considerando que a todos os funcionários públicos, à excepção do professorado móvel, lhes foram pagos os seus vencimentos e contado o tempo para a sua reforma durante o célebre período de reorganização, passo à ordem do dia.

E' aprovado.

O sr. Nascimento Gomes fala, de novo, para condenar os cursos nocturnos. Os cursos nocturnos, diz, não têm razões de existir, por razões de ordem pedagógica e moral.

Podiam, quando muito, ser esses cursos

facultativos. Apresenta uma 2.ª moção, que diz: «Considerando que só nas Escolas Móveis os Cursos Nocturnos são obrigatórios, embora contra as boas regras da pedagogia moderna, passo à ordem do dia».

Aprovada por maioria.

O sr. Nascimento Gomes, lê ainda uma proposta, na qual se reivindica para o professorado móvel as mesmas diuturnidades que aos professores do ensino primário geral são concedidas.

Após um diálogo entre o autor da proposta e o sr. Duarte Mantas, o sr. Nascimento Gomes retira a sua proposta.

Já na ordem do dia, o sr. Nascimento Gomes lê uma proposta de vários nomes para constituir a «Comissão permanente de melhoramentos e organizadora do novo Congresso».

Para falar sobre a proposta do sr. Gomes, pede a palavra o sr. Armando de Andrade, que pesa as impossibilidades e dificuldades para alguns dos elementos escolhidos pela proposta do sr. Gomes, de cumprir a missão para que estão indicados. O sr. Armando de Andrade indigita outros elementos que, com mais facilidade e conveniência, por se encontrarem mais próximos de Lisboa, podem desempenhar-se da missão em que o Congresso os investe.

E' aprovada a proposta do sr. Nascimento Gomes, com a substituição dum elemento proposta pelo sr. Duarte Mantas.

Depois de alguma discussão e alterações, fica assim constituída a «comissão permanente de melhoramentos e organizadora do novo congresso».

Alvaro dos Santos Marcelo, D. Laura da Conceição Tavares Gomes, Luís da Costa Naves, Armando Alberto de Andrade, D. Alzira dos Santos Alves, D. Maria Florência Gonçalves e D. Luísa Braz Gouveia. Inicia-se a apreciação dum novo assunto — «Comunicações livres».

O sr. Luís da Costa Naves fala para desfazer a má impressão que as suas considerações acerca do falecido inspector sr. J. Nunes da Graça deixaram no Congresso, que não levou a bem que ele atacasse um morto.

Pelo sr. J. Nunes da Graça, como homem, tem a máxima consideração.

Presta homenagem à sua inteligência. Não tem a mesma consideração, porém, pelo sr. Graça, como inspector, cuja obra arbitrária, prejudicadora dos interesses do professorado móvel, ele recorda com palavras de censura. Saída a imprensa.

Pela comissão de melhoramentos, o sr. Andrade notifica ao congresso a existência dum deficit de 38800, cujo saldo ele propõe aos congressistas.

E' aprovado um telegrama de saudação à União do Professorado Primário, enviado à sua comissão executiva, depois de algumas palavras de censura, proferidas pelo sr. Nascimento Gomes e a que se associam alguns congressistas, ao jornal Federação Escolar que, há tempos, num artigo, chamou «cstureiras» às professoras móveis.

O sr. Valério Gomes insurge-se contra o facto de a Federação Escolar se recusar a publicar uma circular noticiadora do Congresso das Escolas Móveis que ele enviou à redacção daquele jornal.

Para compor a comissão que deve ir a Lisboa informar o ministro da Instrução das conclusões do congresso, ficam nomeados os srs.: A. Santos Marcelo, Duarte Mantas, Armando Andrade, D. Alzira Alves e D. Filomena Gomes.

O sr. Duarte Mantas afirma que há um único jornal — «Pátria Livre» — que defende os interesses do professorado móvel. Esse jornal tem, porém, 75 por cento de política e 25 por cento de matéria pedagógica. Tem uma percentagem demasiada de matéria política e ele, orador, entende que dentro da escola não deve haver política. Há, pois, necessidade de criar um órgão da classe, essencialmente pedagógico. Pode ser um jornal ou uma revista, é indiferente. O que deve é conter matéria que possa recrear o espírito do aluno e do mestre.

O sr. Nascimento Gomes, director do jornal Pátria Livre, responde às considerações do sr. Mantas, afirmando que, sendo as Escolas Móveis uma obra da República, todos os professores móveis têm o dever de ser republicanos e esforçarem-se por fazer germinar no coração dos alunos o culto pela República. Não deve ser alheio às ideias republicanas.

Falam ainda sobre este assunto os srs.: Santos Marcelo, que pede para o substituir na presidência o sr. Armando Andrade, e o sr. Valério Boto.

E' solucionado este incidente com a proposta do sr. Santos Marcelo, a qual, considerando que o sr. Nascimento Gomes sempre se tem interessado pelo bem-estar da classe do professorado móvel, e considerando também que a comissão de melhoramentos e defesa assim se organizou, visando também os interesses da mesma classe, propõe que se passe à ordem do dia.

Por volta das 17 horas, o presidente encerra o congresso, entre aclamações ao professorado móvel e à imprensa.

Uma gentileza

Já encerrado o congresso, foi resolvido oferecer-se um chá aos representantes da imprensa. O chá ficou marcado para as 10 horas no hotel Mondego.—C.

#### Comité Pró Presos

Reúne hoje às 20 horas, sendo indispensável a comparência de todos

### PRÓ-«O ANARQUISTA»

E' hoje que se efectua a festa em benefício deste propagandista da causa libertária. Realiza-se pelas 21 horas, no Salão de Festas da Construção Civil, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

A parte dramática, a cargo do Grupo Dramático Solidariedade Operária, consta do drama em 1 acto «Escrúpulos» e das comédias em 1 acto «Marido improvisado» e «Delegado da segunda secção». A parte musical será desempenhada pelo conhecido sexteto «Os Lusitanos», dirigido pelo distinto amador Viegas Peixoto.

A porta do Salão serão vendidos alguns bilhetes que ainda restam.

### Rendimentos dos operários

A enfermagem de Santo António do Hospital de São José recolheu, ontem, António Ramos, de 39 anos, guarda-freio dos caminhos de ferro, natural de Torres Novas e residente na rua Vale de Santo António, 102, loja, que na estação das Dêvezas, Gaia, no dia 8 último, foi colhido por um vagão, ficando muito contuso nas costas.

A Sala de Observações do Banco do Hospital de São José, recolheu Duarte Jorge Vaqueiro, de 23 anos, natural e residente em Pontevel, Cartaxo, chauffeur, que, em Aveiras de Cima, foi colhido pelo volante dum camião, ficando sem dois dedos da mão direita.

Na enfermagem de São Francisco do Hospital de São José, aonde foi ontem transportado num auto da Cruz Vermelha, deu entrada Manuel José, de 35 anos, marítimo, natural de Voser do Vouga, residente na rua da Indústria, 16, a Alcantara, que, no dia 27 de Fevereiro último, caiu a bordo do vapor «Moçambique» próximo de Lourenço Marques, ficando muito contuso pelo corpo e pernas.

### TEATRO APOLO

Emp. Ruas  
Tel. II-4929

### HOJE E TODAS AS NOITES

o sacrosanto drama

### O Mártir do Calvário

Esplêndidos cenários

Artística interpretação

### MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Construção Civil de Tires. — Caixa de auxílio na doença. — Reúne-se hoje, em assembleia geral, pelas 20 horas, para a admissão de novos socios e apreciação do parecer da comissão revisora de contas, além de outros assuntos.

Socorros Mútuos «Igualdade». — Reúne-se, ontem, a assembleia geral ordinária desta colectividade para apresentação de contas da gerência finda. Esta associação pagou em medicamentos 132.566\$53, e em socorros médicos 47.859\$93, com a despesa de subsídios, custeio de postos de socorros, funerais, etc., a verba distribuída em benefício dos sócios foi de 193.568\$80. A população associada é de 20.370 sócios.

### SOCIEDADES DE RECREIO

Alunos de Apolo. — Efectua-se no dia 2 de Maio próximo uma excursão ao Cartaxo. Hoje, há baile.

Academia Recreativa Nacional. — Hoje, às 21 horas, festa dedicada aos consócios.

Grupo de Bandolinistas e Excursionistas «Boa União». — Iniciam-se amanhã, deslumbrantes festas comemorativas do 3.º aniversário deste grupo com o seguinte programa:

A's 8 horas, alvorada por um terno de clarins e girandalas de foguetes. A's 10 horas, saída do grupo a cumprimentar as sociedades congêneres. A's 14 horas, recepção aos delegados das agremiações recreativas. A's 15 horas, sessão solenne em que tomam parte vários oradores, sendo inaugurada uma bandeira gentilmente oferecida por dois socios, fazendo-se ouvir a banda do Club e o Grupo de Bandolinistas. A's 21 horas, «soirée» dançante dedicada a todas as colectividades de recreio.

Será também distribuído um budo aos pobres, para o qual a Batalha recebeu 4 senhas que agradece em nome dos contemplados.

Estas festas prosseguirão até ao dia 12 de Maio.

### Coliseu dos Recreios

HOJE — A'S 21 HORAS — HOJE

Novos e surpreendentes trabalhos do grande ilusionista

RAYMOND

Espritismo cómico — A metamorfose

Aparições diabólicas

DESUMBRANTES BAILADOS pelas bailarinas da troupe de Raymond

O espectáculo mais barato de Lisboa

Amanhã — GRANDIOSA «MATINÉE»

Bilhetes à venda





## DOCTRINAS POLÍTICO-SOCIAIS

### “O SINDICALISMO”

(Conferência pelo nosso camarada Manuel Gonçalves Vidal, em 6 do corrente, na Universidade Popular Portuguesa)

#### A independência sindical

É preciso, porém, não confundir esta táctica com as reformas obtidas por processos que se afastam, ou quebram, a integridade característica da acção sindicalista. As benesses concedidas por influência dos partidos políticos só têm em vista desviar a atenção das massas e enfraquecer-lhes as forças.

Confiar inteiramente nesse elemento seria deslocar o eixo da questão. Porém o que não quer dizer que a classe operária se não aproveite e não reivindique das instituições burguesas todas as regalias que lhe possam interessar desde que possam ser compreendidas no terreno da luta de classe.

Ao passo que os políticos pretendem resolver a questão económica pela acção política, o sindicalismo pretende modificar todo o sistema político por meio da acção económica. Isto é começar com ordem marcando a exactidão do ponto de referência da questão social. Eis porque o sindicalismo, propondo-se a modificar as bases da actual sociedade, substituiu inteiramente os órgãos inadaptáveis, criando novos órgãos, e novas funções, evidentemente que tem, a par do seu carácter económico basilár, um fim essencialmente político.

Neutralidade em matéria política não quer dizer que o sindicalismo não tenha o corolário de todo o seu sistema os caracteres de uma nova política. Não aquela política messiânica, empírica da autoridade, ou de *colletia*, que gira em torno do acto eleitoral, não a política partidária, mas a política científica resultante da coordenação de todas as necessidades sociais, tomada como função e não como poder e exercida pelos próprios indivíduos que compõem o corpo social. A política que define apenas o modo de viver, a síntese da função que todo o organismo social exerce, e dentro das leis sociológicas.

A afirmação porém de que todo o indivíduo cabe no sindicato, democráticos, integralistas, nacionalistas, etc. só vai até ao ponto em que se compreende que o interesse económico se deve sobrepor à tendência política particularmente seguida, dando lugar à desistência na eficácia dos métodos partidários e à interpretação da acção sindicalista. De contrário o dualismo é incompatível visto que um monárquico decididamente não pode aceitar em toda a sua extensão a acção sindicalista.

Mas ainda a circunstância de estar no sindicato nem sempre importa o baptismo sindicalista que só advém do reconhecimento de toda a filosofia do sindicalismo.

Refere o professor Adolfo Lima no post-fácio da «Concepção Anarquista do Sindicalismo», de Neno Vasco, referência em que me apóio:

«O sindicalismo tem uma filosofia própria e uma acção especial que é incompatível com práticas parlamentares e eleitorais com reformismos democráticos e socialistas, com colaboração de classes, etc. contudo, enfim, que não obedeça à ideologia libertária».

«E' fazer pura metafísica, que redundará numa repulente imoralidade e um perigo para a causa, aceitar essa duplicidade, esse desdobramento de opiniões dum indivíduo, que dentro do sindicato tem de ser anti-parlamentar e partidário da acção directa, e fora do sindicato pode pôr e pôe a máscara do eleito, do parlamentarista, do militarista, dum papa-missas, seja ele monárquico, republicano ou socialista e que realiza com os seus correligionários políticos uma colaboração de classes que é a principal inimiga, a arma corruptora dos ideais do sindicalismo».

#### Determinantes da acção operária

Já vimos como sendo o sindicalismo neutro em matéria política, tem todavia uma filosofia própria tendente à substituição económica e política da actual sociedade, pelo que tem de ser considerado pelo seu valor político.

Vejamos agora como e porque modo se exerce: Todo o valor científico do socialismo embora a sua transcendência moral e espiritual, consiste na sua base material e positiva, que a história e a própria razão de existência nos demonstra.

O ponto de referência essencial à aplicação da nossa actividade está no fundo egoísta que caracteriza o homem. As condições materiais de existência actual, porém, desviam essa inata qualidade no sentido mais grosseiro e brutal de tal modo que o próprio Darwinismo—falha sujeito às leis económicas.

A selecção por meio da luta pela vida, dentro do individualismo económico, conduziu a um estado plutocrático que não indica, nem o domínio físico nem intelectual do homem.

Não se pode confundir uma tese de biologia e fisiologia, como a do ilustre naturalista inglês, com uma tese de economia burguesa.

O homem animal não pode dar-nos o mesmo aspecto do homem social.

A luta que o indivíduo exerce para dominar as forças da natureza, quer ataque a substância inerte, quer ataque a matéria organizada, não se pode comparar à luta que o homem trava contra as forças artificiais duma sociedade ou um Estado que o tiraniza.

Colocado assim num plano inverso, sujeito a leis falsas e dogmáticas, o seu movimento só pode conduzir a um resultado diametralmente oposto. E tanto a marcha social e a própria actividade que o indivíduo exerce se afasta das suas tendências e sentimentos que, para manter um falso equilíbrio de forças, se institui o sistema autoritário.

Deste modo a pretendida unidade social não é a consequência mas a causa, a determinante, de todas as vontades e inteligências, sem que todavia essa unidade se afirmasse, visto que nunca a força se pode sobrepor ao domínio da inteligência.

Sendo a autoridade um meio de coacção exterior, ela só pode significar a obrigação forçada do homem proceder dentro de normas naturalmente inadaptáveis e contrárias às suas tendências aos seus sentimentos, aos seus interesses ou à sua vontade.

Mudar as condições económicas da existência é o ponto de partida indispensável à

marcha ascendente e transcendente do socialismo.

Mas para isso, o processo sentimental só pode ser tomado como um incentivo mas não como um meio eficaz de realização prática, visto que sendo um recuo espiritual à regalia materialista não corresponde, paralelamente, à marcha da natureza humana e à sua ordem funcional.

Como pode uma sensibilidade embotada pela miséria e pelo sofrimento sentir toda a grandeza espiritual do amor e da simpatia humana? Como pode uma noção estética falsa ou obliterada conceber a requintada e admirável expressão da Beleza? Como pode um homem que põe o seu interesse acima do espírito da justiça, se é rico, se é poderoso, condear-se e mitigar espontaneamente a fome do pária?

Não tenhamos ilusões. A pedra de toque não está na bondade duns ou doutros.

O homem não é bom nem mau. E' simplesmente aquilo que é, aquilo que tem que ser em referência à sua natureza e condição. E entre os sentimentos, entre as tendências e instintos que o agitam e impelem; entre as forças antagonistas que nele se debatem, a ascensão lenta e gradual dos elementos com maior poder de adaptação e sobrevivência fazem-no a pouco e pouco vencer a influência ancestral da animalidade primitiva o que é a causa apenas da marcha para a perfeição, ou antes, a própria evolução.

De resto é um ser inteiramente determinado. Isto não quer dizer que tal ou tal cousa produz invariavelmente o mesmo efeito em todo e qualquer homem. Mas tal causa produz no homem tal efeito segundo a sua natureza, condição, temperamento, educação e demais factores que influem na sua liberdade volitiva.

O livre arbitrio é apenas o reflexo da natureza e condição do homem através da sua atitude. E isto define o cunho da individualidade. O poder que ele tem de reproduzir com maior ou menor intensidade as suas sensações consoante o valor e efeito das impressões recebidas e agitadas pelo sistema nervoso.

Para a nossa tese temos, por conseguinte, que partir do egoísmo, do interesse ou grupo de interesses, ligá-los, concatená-los, dar-lhes expressão, dar-lhes movimento e teremos a dinâmica do Sindicalismo.

Procedemos agora com ordem dividindo ainda as leis económicas em dois grupos de fenómenos: produção e consumo.

Há uma parte técnica no Sindicalismo e outra, por assim dizer, administrativa e social e que devem corresponder paralelamente a esses dois fenómenos.

Como já se disse, a circunstância dos operários estarem organizados simplesmente como produtores, ou antes, para defenderem os interesses que surgem no terreno da produção não é o bastante para conseguirem eficazmente o seu objectivo, quer nas melhorias de efeito imediato, quer na preparação das bases dum novo sistema social.

Os movimentos necessitam ter sempre um certo valor de extensão que atraia a solidariedade e a simpatia geral; isto no próprio interesse da classe em luta, que deve sempre evitar que as suas regalias importem prejuízos às demais classes. Para isso não é bastante nem suficiente a acção isolada do sindicato. E a acção geral só pode ser combinada em organismos próprios, coordenadores, de que adiante tratarei.

#### Ação directa

O meio de luta empregado pelo sindicalismo reveste sempre o carácter da acção directa.

Este processo faz reincarnar no indivíduo todo o direito e força abdicada em favor daqueles em quem por ventura delegasse.

O operariado compreende muito bem que é a acção directa o meio que o leva mais rápida e directamente ao fim desejado.

Quando esta táctica se refere ao Estado é por se reconhecer que o meio legal de acção só tolhe os movimentos dos trabalhadores. E quando, porventura, qualquer lei tenha sido aprovada em benefício da classe operária, dado que se cumpria, ela só o terá sido em virtude da acção directa e às vezes violenta, exercida pelo operariado para reivindicar qualquer direito. Por outro lado o efeito produzido pela aplicação da lei, no espírito operário, é muito pior do que o efeito produzido pela aplicação de um regulamento ou resolução não sancionada por lei e apenas derivada da assembleia sindical.

A lei das 8 horas, por exemplo, entre nós, teve muito melhor e maior aplicação por aquelas classes que souberam reivindicar esta regalia *ad initio* do que por parte das outras que não chegaram a compreender o seu benefício.

A par das leis das 8 horas poder-se-iam enumerar outras que não produziram qualquer efeito em benefício dos trabalhadores.

De resto as leis operárias assemelham-se muito a aqueles contratos de alguns patrões que exigem ao operário caução em dinheiro ou em dias de trabalho, em depósito, como garantia da sua estabilidade na casa, e não se obrigam da sua parte a tal cláusula para garantir, por seu turno, o trabalho ou determinadas condições ao operário. Desta forma o operário está coacção de se despedir e ele, patrão, mandá-lo há embora sempre que queira e sem reboço.

Tratando-se de acção directa cabe aqui esclarecer um ponto que parece ser confuso para muita gente.

Há quem entenda que, pelo facto de a organização operária fazer reclamações que dirige ao governo, ela se afasta dos métodos de orientação que lhe estão destinados.

Mas parece que o facto só é evidente e manifesto quando as comissões operárias sobem as escadas do parlamento ou ministérios porque estas frases são até muito usadas quando se quer confundir a acção directa com a colaboração política ou de classe.

Ora se a organização faz uma reclamação ao governo a quem a há de dirigir senão ao governo?

Esta acção é bem manifestamente directa, desde que os interessados, não delegando em terceiros, vão eles próprios tratar das suas questões; a menos que deixe de

## O BOLO DOS TABACOS

### As lindas virtudes do regime de liberdade de indústria

Vai travar-se a grande batalha, entre os vários grupos da insaciável finança, para a conquista do magnífico bolo da exploração da indústria dos tabacos.

Os seus órgãos na imprensa já vêm há tempo preparando a opinião pública, iludindo-a com números fantasiosos, a pretender demonstrar as superiores vantagens da liberdade de indústria, por ser este o regime que maiores simpatias pode conquistar no espírito simplista do público.

E nessa campanha esforçam-se por evidenciar o cuidado que lhes merecem os interesses do Estado e dos operários, que afirmam sempre lhe terem dedicado as maiores atenções. E os que muito bem sabem quão fantasiosas são essas afirmações, por na prática verem os vários assaltos que a finança tem feito aos cofres do Estado e a exploração de que é vítima a classe operária, pasmam da audácia com que essa imprensa ludibria o público, empregando uma linguagem que está em contradição com o seu pensamento reservado.

Mas vejamos se convem a qualquer dos grupos financeiros a liberdade de indústria, e para isso recorramos aos números, que neste caso são os melhores elementos de consulta. O consumo do tabaco no continente, no ano económico de 1924-1925, foi de 3.406.243 quilogramas, e a produção no mesmo período de tempo foi de 3.082.360, o que dá um excesso sobre o consumo de 389.005 quilogramas. Para esta produção contribuíram as quatro fábricas da Companhia com as seguintes quantidades:

Libonense, mecânica...	2.033.004,400
Xabregas, mista.....	696.368,800
Portuense, mista.....	775.123,500
Lealdade, manual.....	177.834

Total de quilogramas 3.682.350,700

O desenvolvimento mecânico que todas as indústrias atingiram provocou a centralização industrial, não podendo hoje a disseminação de pequenas indústrias concorrer com a moderna indústria centralizada.

O nosso país, atarazado em relação ao progresso industrial, tem no entanto a indústria dos tabacos apetrechada com maquinismos modernos, representando a fábrica Libonense, só por si, uma razoável concentração industrial.

Subentendendo-se, pois, que a liberdade de indústria pode trazer a montagem de novas fábricas, o que representaria a desorganização da indústria, porque as fábricas existentes cobrem com a sua produção o actual consumo, claramente se vê que a sua laboração obriga à admissão de novos operários, e dentro de pouco tempo o excesso de produção, sem possibilidade de escoamento pela exportação, porque todos os países defendem as suas indústrias de rendimento com pesadas tarifas alfandegárias, arrastará todos os operários—modernos e antigos—para uma tremenda crise, que pouco interessará os seus causadores. Este um dos perigos da liberdade de indústria para os produtores.

A concorrência que entre si estabelecerão as diversas empresas tabaqueiras para a colocação dos seus produtos, levá-las há sem dúvida à falsificação da matéria prima e ao roubo no peso do produto, sciência hoje muito aperfeiçoada e desenvolvida nos processos de administração burguesa. Este o perigo para os consumidores.

Mas o regime de liberdade de indústria já entre nós exhibiu as suas virtudes, como se vê dos seguintes elucidativos perfidos expressos no parecer da comissão do comércio e indústria da Câmara dos Deputados:

pelo facto de se subir ao ministério ou parlamento.

Colaboração seria se se trabalhasse de acordo ou juntamente, pelo menos, com o Estado para interesse da classe operária, quer se actuasse intra quer extra parlamentarmente.

Ora o facto de se fazerem reclamações ao Estado, o facto de se negociar com ele não altera nem ofusca a integridade dos processos de luta sindicalista.

Com o Estado dá-se o mesmo que se dá com o patronato e ninguém dirá que uma negociação com este prejudica o operariado. Desde que se não trata de inutilizar bruscamente o Estado, em qualquer desses movimentos que se dão dia a dia, forçosamente que a classe operária se tem de entender com ele desde que nos mesmos seja visado.

O facto do Sindicalismo ser anti-estatal não quer dizer que seja extra-estatal, assim, como o facto de se pretender eliminar o patrão não quer dizer que se esteja fora da sua casa e independente da sua administração.

Mas, e a pesar de tudo, um desvio de detalhe, dado que o houvesse não viria certamente provocar a falência do método preestabelecido.

Antes de fechar este capítulo, tratando-se de acção directa, convém definir que aquela não consiste na prática de meios violentos.

A violência ou moderação dos meios de luta só podem ser determinados pelo estado de espírito e condições criadas em redor da massa em movimento, actuando extrínseca e intrínseca na vontade pessoal e na classe de modo a justificar e explicar a atitude assumida e a responsabilidade inerente, sem que isso tenha que ver com a acção directa.

#### Secção Telegráfica

##### Federações

**Calçado, Couros e Peles**  
**Sindicato Unico do Pôrto.**—Recebemos vale. Segue expediente e recibo. Acuse recepção.

##### JUVENTUDES SINDICALISTAS

**Núcleo do Barreiro.**—Esperem domingo às 9 da manhã delegados Comissão Organizadora do Congresso.

**Núcleo de Gaia.**—Comissão Organizadora recebe ofício e vai providenciar.

**N. J. S. de Aljustrel.**—Segue expediente para o Cortes por nos ter sido devolvido.

##### ARTIGOS ELECTRICOS

Novas tabelas com preços actualizados

**CASA PALISSY GALVANY**

**Rua Serpa Pinto, 15**

tados. Escutemos essa opinião insuspeita, partindo aliás de defensores da administração burguesa:

«Sob o ponto de vista da indústria, uma áspere concorrência das fábricas entre si que, longe de acarretar à colectividade os benefícios clássicos da livre concorrência, desorganizou a produção, aviltando-a, e levou as empresas a lançar mão de todos os meios para poderem subsistir, desde a falsificação da matéria prima empregada até o grosseiro defraudamento de peso indicado nos invólucros em que era posto à venda o produto; inconciliável conflito de interesses; desordem económica; constante flutuação na produção.

«Para a mão de obra, crises frequentes e demorações, porque as fábricas de degrau em degrau na escala descendente da decadência começaram a reduzir o número de horas de trabalho a quatro e a três em cada dia, acabando por licenciar os operários, substituindo-os por aprendizes, recursos desesperados em que debalde procuram manter-se naquela maneira de viver, que era, na frase sombria de Oliveira Martins—um regime incerto e por vezes desgrazado».

Este quadro, pintado com cores tão naturais e vivas por representantes da classe burguesa, revela bem o que é a administração dessa classe.

«Que confiança pode merecer ao consumidor e ao produtor um regime que desorganiza a produção e se baseia na falsificação do produto, no roubo aos consumidores e na miséria dos produtores?»

«São porventura estes processos que nos traz a tão decantada livre concorrência, e que a imprensa a sôdo da finança cautelosamente oculta, que merecem a simpatia dos defensores da liberdade de indústria?»

«Mas admitindo que os capitais não se comprometem, por cautelosos, em tão arriscada aventura, enveredemos por outro caminho a que nos conduz a liberdade de indústria. Terminado o exclusivo dos tabacos em 30 do corrente mês, as actuais fábricas seriam postas em hasta pública, e certamente a actual Companhia viria a ficar com a sua posse, como os factos anteriores nos demonstram.

Em 1936 o governo dessa época abriu concurso para o exclusivo da indústria dos tabacos com a base de licitação de 6.000 contos de renda fixa anual. Das três propostas então apresentadas a da Companhia dos Fósforos, que era de 6.520 contos, foi a mais elevada. Como, porém, a Companhia dos Tabacos tinha o direito de opção, garantiu pelo contrato de 1891, fez sua a proposta da Companhia dos Fósforos, obrigando-se ao pagamento da renda anual de 6.520 contos.

Por este novo caminho, com o natural direito de opção que a Companhia certamente não dispensará, entramos no monopólio a que nos leva a tão reclamada e decantada liberdade de indústria. Sôzinha a Companhia em campo, libertada da concorrência, apertará nas suas garras consumidores e produtores, para lhes extrair a seiva benéfica que a engordará.

E tais são os perniciosos efeitos a que nos pode levar a suposta liberdade de indústria: monopólio encoberto com prejuízo de consumidores e produtores, ou desorganização da produção, falsificação, roubo e miséria dos produtores.

Em outro artigo analisaremos qual o regime que os operários devem preferir nas actuais circunstâncias.

José Maria GONÇALVES

#### Funcionalismo Público

A Direcção Central do Grémio Livre do Funcionalismo, tendo tomado conhecimento de que nem todas as repartições estão elaborando as folhas das melhorias atrazadas ultimamente mandadas satisfazer ao pessoal menor, de harmonia com o determinado na circular que lhe foi distribuída, o que resulta uma certa diferença a receber entre indivíduos da mesma categoria e ainda de que nem em todas elas se tem procedido com a mesma regularidade, resolveu solicitar providências de quem de direito, tanto mais que entre os interessados lavra o maior descontentamento, não só pelo facto indicado como ainda por constar ter sido mandado sustar o pagamento.

A referida direcção do mesmo organismo, que volta a reunir na próxima segunda-feira, com todos os seus elementos, apreciará o facto e em breve vai ser distribuída ao funcionalismo e onde além de outros pontos de vista, se preconiza a reforma imediata de todos os serviços públicos; o encerramento urgente dos quadros, a revisão de vencimentos e o estabelecimento do ordenado mínimo de 600\$000.

Como conste que em diversas repartições se está fazendo admissão de contratados a propósito de terem uma profissão e como tal serem úteis aos serviços onde são admitidos, foi resolvido chamar a atenção do poder executivo e deliberativo pois tais admissões não são só prejudiciais como inúteis.

#### SOLIDARIEDADE

E' hoje que se realiza na Academia Recreativa de Linda-a-Velha uma grandiosa festa de auxilio a Filipe José da Costa. Exibir-se-ão algumas cegadas, tais como: «Ciência Zoológica», da autoria de Henrique Lourenço; «Contraste jornalístico», de Abel P. de Araújo; «Episódio dramático», de A. Paiva; «Contraste social», de Abel P. de Araújo; entretanto social, por Jorge Mateus e José Marques. Haverá também demonstrações de sugestão e hipnotismo por Joaquim da Silva Carvalhais. Os bilhetes podem ser requisitados nesta sociedade ou no sindicato de Linda-a-Pastora.

##### Pró-Emília Seigo

Promovida por uma comissão de amigos de Ezequiel Seigo, assassinado pela polícia nos Olivais, realiza-se no dia 29 do corrente, às 21 horas, na Academia do Comando Geral de Artilharia, rua dos Remédios, 57-A, 2.ª, uma festa em favor da mãe do assassinado, Emília Seigo que se encontra em precárias circunstâncias.

Os poucos bilhetes que restam podem ser procurados na rua da Regueira, 49.

## VIDA SINDICAL

### C. G. T.

#### Conselho Confederal

Sob a presidência do delegado da Federação do Mobilário, secretariado pelos delegados da C. S. T. do Pôrto e da Federação Ferroviária, reuniu o Conselho Confederal em sessão ordinária, como continuada da sessão anteriormente realizada, na qual se trataram questões de ordem interna. Foi aceite a delegacia de Henrique Firme, em substituição de Francisco Viana, da Federação Metalúrgica.

Na ordem dos trabalhos foi discutida uma exposição do Comité Confederal sobre a sua «nota oficiosa» que tratava da posição do Sindicato do Arsenal de Marinha junto da C. G. T. e bem assim da resolução, já tornada pública, do mesmo Sindicato. Sobre o assunto pronunciaram-se M. J. de Sousa, F. A. Marques e M. S. Campos, do Comité Confederal, e A. Cardoso, V. de Sousa, F. da Silva, J. de Almeida, M. Nunes e S. Marques, manifestando-se a maior parte dos últimos no sentido de que o acto do Comité ao publicar a «nota» em referência foi e é aceitável atendendo a que esse acto tendia a evitar e mesmo a prejudicar as baixas manobras de divisionismo do proletariado organizado português, se bem que não o tenham assim compreendido aqueles que colocam os interesses partidários da L. S. V. acima dos seus interesses integrais de liberdade e emancipação.

Quanto às questões postas pelo Sindicato do Arsenal de Marinha: a questão moral, a a qualidade de sindicato nacional e a votação proporcional, todos os delegados foram de opinião que a mesma merecia uma resposta condigna da C. G. T., que contribuisse não só para repor a verdade no seu lugar, como elucidação geral sobre a posição dos sindicatos que se encontram na posição daquele, sendo aprovada a seguinte proposta de Virgílio de Sousa:

«Proponho que o Comité Confederal elabore um documento sobre o assunto do Sindicato dos Arsenalistas de Marinha que o Conselho apreciará, sendo depois publicado sob a sua responsabilidade».

#### Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Em sua reunião de quarta-feira tomaram posse os delegados nomeados em reunião do Conselho Federal de 7 do corrente: João de Almeida, delegado da Indústria Vinícola; Henrique Firme, da Federação Metalúrgica; Manuel Ferreira da Silva, da Câmara Sindical do Pôrto, e Santos Arranha, da União dos Sindicatos de Setúbal. Fernando de Almeida Marques, secretário de missão, fez entrega da documentação a seu cargo.

O secretariado ocupou-se da distribuição de cargos, ficando as suas sub-comissões assim compostas: administração e solidariedade, Henrique Firme, secretário e delegado ao Comité Confederal; Manuel Ferreira da Silva, tesoureiro; e João de Almeida, auxiliar efectivo. Assistência Jurídica: Santos Arranha, Inácio Marques e Joaquim de Sousa.

#### COMUNICAÇÕES

**Manufactores de Calçado.**—A assembleia deste sindicato, entre outros assuntos, já noticiados noutro lugar, resolveu comunicar à C. G. T. a sua opinião favorável à consulta sobre a redução de cota para mulheres e menores de 17 anos. Também deliberou reformar os seus antigos estatutos, aprovando o projecto dos novos. Ocupou-se das secções profissionais nos pontos afastados da respectiva sede social, aprovando o regulamento transitório pelo qual as mesmas deverão orientar-se.

**Litógrafos e anexos.**—Reuniram em assembleia geral, tendo aprovado o relatório moral e financeiro da comissão administrativa. Deliberou-se proceder à revisão dos estatutos do sindicato, ficando disso incumbida a comissão de Propaganda e Educação. Resolveu-se modificar deste modo a constituição da comissão administrativa: em vez de 2.º secretário adjunto, secretário administrativo, secretário arquivista em vez de 1.º vogal, secretário bibliotecário no lugar do 2.º e secretário de relações internas e externas em vez de 3.º. A seguir foi nomeada a comissão administrativa, que ficou assim composta:

Secretário geral, Alvaro Machado; secretário adjunto, Romão Romariz; secretário administrativo, João Torres; secretário tesoureiro, Eduardo Vasques; secretário arquivista, João dos Santos; secretário bibliotecário, Adelino Ladeira; secretário de relações internas e externas, Jaime Tiago; assembleia geral: Duarte Jorge, 1.º secretário; Romão Arenos Perez, 2.º secretário; comissão revisora de contas: Alfredo José, Duarte Jorge e António Mendes, respectivamente, secretário relator e vogal.

Delegados à F. L. J. Eduardo Fraga e Carlos Chaves. A' C. S. T., Jaime Tiago, Arnaldo Custodio e Romão Arenos Perez. Nomeou a Comissão de Propaganda e Educação, que ficou composta por Jaime Tiago, Arnaldo Custodio, Eduardo Fraga, Duarte Jorge e Romão Arenos Perez. Aproveu depois os relatórios dos delegados aos congressos gráfico e confederal.

Em seguida os delegados da Federação do Livro expuseram as razões que deram motivo ao incidente com este organismo. O assunto foi largamente explanado, intervindo na discussão um delegado da F. L. J. e resolvendo depois a assembleia que os novos delegados tomem parte no conselho federal para nele marcarem, sem tibiezas, os seus pontos de vista e exporem depois a uma nova assembleia geral a decisão que for tomada na Federação.

**Serviços de Saúde.**—A comissão executiva do Congresso dos Serviços de Saúde resolveu iniciar a organização da Federação Nacional dos Serviços de Saúde. As associações aderentes vão apreciar o relatório federal e eleger os seus delegados à Federação, fazendo a sua inauguração solene no próximo dia 1.º de Maio. Resolveu-se também intensificar a propaganda nos sindicatos e a organização doutros em diversos pontos do país e realizar brevemente conferências nos sindicatos dos enfermeiros e empregados de farmácias do Pôrto e Pessoal dos Hospitais de Coimbra.

#### CONVOCAÇÕES

##### REUNEM-SE HOJE:

**Federação Ferroviária.**—A's 18 horas, a comissão executiva.  
**Comissão Mista do Alto Pina.**—A's

21 horas, para assuntos que se relacionam com a vitória da sede.

**Compositores Tipográficos.**—Pelas 18,30 horas, a direcção juntamente com o quadro do jornal «O Mundo» para um assunto importante.

**Manufactores de Calçado.**—A's 21 horas, assembleia geral, para apreciar a baixa de salários e o relatório da comissão de resistência.

**Profissionais da Imprensa.**—Continua hoje, pelas 17 horas, a assembleia geral ordinária.

#### DIAS PROXIMOS

**S. U. da C. Civil.**—Secção dos Estudantes.—Terça-feira, às 20 horas, assembleia geral.

#### JUVENTUDES SINDICALISTAS

**Núcleo de Lisboa.**—Reuniu a assembleia geral para continuação da ordem dos trabalhos preparatórios do II Congresso. Foi apresentada por José dos Santos uma tese sobre «Cultura Física», que depois de sofrer algumas alterações foi aprovada, sendo lida também uma tese sobre «Solidariedade» de Manuel Viegas Carrascao que depois de discutida e alterada, foi aprovada. Sobre a tese «O Jovem Sindicalista na Vida Social» falou Germinal de Sousa, que propoz algumas alterações que a assembleia aprovou.

Aprovou também uma moção de Raúl Curado, a qual aconselha os jovens sindicalistas a não colaborar na farça dos 2 minutos de silêncio da data inglória do 9 d' Abril.

A próxima assembleia realiza-se na terça-feira.

**Núcleo do Pôrto.**—Secção dos Manipuladores de Pão.—Realiza-se amanhã, pelas 20 horas, na rua de Entrepedreiros, 33, 1.ª uma sessão de propaganda promovida por esta secção, na qual farão uso da palavra diversos militantes.

#### FESTAS ASSOCIATIVAS

##### Construção Civil de Palma e arredores

Em benefício da escola mantida por esta Secção, realiza-se hoje, pelas 21 horas, na sede deste organismo, um espectáculo no qual toma parte o aplaudido Grupo Dramático «Os seis» que levará à scena o interessante drama «O veterano da Liberdade» e despenhado por D. Maria do Carmo, Daniel Gouveia, António Gonçalves, Alvaro Mota e Bazilio de Oliveira. Terminará o espectáculo a hilarante comédia «Os ciúmes» interpretada por Joaquim Machado, Bazilio Oliveira e D. Maria do Carmo.

##### Manifestação dos operários polacos

LUBLIN, 9.—Os operários desempregados, em número